

# AMÉRICA LATINA NO JORNAL *PARA TODOS*, DIRIGIDO POR JORGE AMADO

## Latinoamérica en el diario *Para Todos*, dirigido por Jorge Amado

Paula Sperb<sup>1</sup>

### RESUMO

O jornal cultural *Para todos*, dirigido pelo brasileiro Jorge Amado, circulou entre 1956 e 1958, a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, com periodicidade quinzenal e mensal. O artigo analisa as 48 edições do periódico com o objetivo de contabilizar a prevalência de escritores, intelectuais e artistas da América Latina para identificar a presença latino-americana nas suas páginas. Foram encontradas 34 ocorrências, com predomínio da literatura entre as diferentes formas de manifestação artística. Os países de origem dos escritores abordados ou colaboradores foram Chile, Argentina, México, Uruguai, Cuba, Paraguai, Guatemala, Colômbia e Peru. A teoria dos polissistemas literários de Itamar Even-Zohar serve como suporte para entender as relações entre *Para Todos* e os escritores publicados.

**Palavras-chave:** Literatura latino-americana; imprensa; Jorge Amado; *Para Todos*.

### RESUMEN

El diario cultural *Para Todos*, conducido por el brasileño Jorge Amado, circuló entre 1956 y 1958, desde San Pablo y Rio de Janeiro, con periodicidad quincenal y mensual. El artículo analiza las 48 ediciones del periódico con objetivo de contabilizar la prevalencia de escritores, intelectuales y artistas de Latinoamérica para identificar la presencia latinoamericana en sus páginas. Fueran encontradas 34 ocurrencias, con predominio de la literatura entre las distintas formas de manifestación artística. Los países de origen de los escritores abordados o colaboradores fueran Chile, Argentina, México, Uruguay, Cuba, Paraguay, Guatemala, Colombia y Perú. La teoría de los polissistemas literarios de Itamar Even-Zohar sirve como soporte para comprender las relaciones entre *Para Todos* y los escritores publicados.

**Palabras-clave:** Literatura latinoamericana; prensa; Jorge Amado; *Para Todos*.

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Letras na Universidade do Rio Grande do Sul, doutora em Letras e mestra em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul. Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisa recepção de literatura em veículos jornalísticos. Sua pesquisa de pós-doutorado analisou a presença da América Latina em *Para Todos* (1956-1958). Sua tese de doutorado investigou a recepção de Jorge Amado no *New York Times*. E-mail: paulasperb@gmail.com

## AMÉRICA LATINA NO JORNAL *PARA TODOS*, DIRIGIDO POR JORGE AMADO

Um periódico quinzenal, com circulação baseada no Rio de Janeiro e São Paulo, dedicado exclusivamente a tratar sobre cultura. Assim foi a jornal *Para Todos*, produzido por intelectuais de diferentes matizes ideológicas entre janeiro de 1956 e setembro de 1958. À frente do jornal estava o escritor brasileiro Jorge Amado. Em *Para Todos*, Amado ocupava o cargo de diretor do periódico. Como chefe da redação, foi o responsável por agregar escritores, ilustradores, jornalistas e críticos que escreviam, a cada quinze dias ou mensalmente, para a publicação. “O *Para Todos* exerceu papel de relevo na vida intelectual, influenciou, agitou, marcou época” (Amado, 1992, p. 397). Além do próprio Jorge Amado, a direção também era composta pelo arquiteto Oscar Niemeyer e pelo jornalista e tradutor Moacir Werneck de Castro. Entre os colaboradores, figuras como Álvaro Moreyra, Miécio Tati, Carlos Scliar e Iberê Camargo, por exemplo.

Os temas abordados em *Para Todos* eram essencialmente culturais, de modo abrangente, ou seja, não tratando apenas de livros, por exemplo, mas incluindo discussões sobre educação e formação de leitores. O jornal possuía seções fixas de artes visuais, música, cinema, teatro e literatura. Entre os colaboradores, havia tanto jornalistas profissionais quanto artistas. Assim, como afirmam Golin e Cardoso (2010), em sua definição de jornalismo cultural, *Para Todos* situava-se em “uma zona heterogênea” (p.185). Dedicado a este tipo de jornalismo especializado, *Para Todos* atuava com “propósitos criativos, críticos ou de mera divulgação” (p.185) ao tratar “das artes, das letras, das ciências humanas e sociais” (p.185). De acordo com os mesmos pesquisadores, o alcance do jornalismo cultural inclui “revista literária de pequena circulação, o suplemento semanal de um jornal de grande tiragem, periódicos dedicados a temáticas específicas (artes, música, cinema) e cadernos diários reservados ao tempo livre e ao entretenimento” (Golin, Cardoso, 2010, p. 185).

No caso de *Para Todos*, tratava-se de um jornal, definição que o próprio periódico adotou em seus textos editoriais. Entende-se, todavia, que o veículo possuía vocação de revista, uma vez que também tinha características deste tipo de jornalismo, tais como discurso “segmentado por público”, “permite diferentes estilos de texto”, “estabelece relação direta com o leitor”, “estabelece o que julga ser contemporâneo e adequado” e “contribui para formar a opinião e o gosto” (Benetti, 2013, p. 55). Sobretudo este último atributo é pertinente ao caso de *Para Todos* e à sua cobertura de temas literários, posto que as resenhas críticas faziam indicação de livros considerados bons o suficiente para serem lidos pelos consumidores do periódico.

Portanto, ao assumir também características de revista, *Para Todos* colaborou para instituir “relevância a um conjunto de fatos e assuntos, pelo inerente princípio

ordenador que a caracteriza” e promover “mediações entre diferentes dizeres” (Schwaab, 2013, p. 58). Atenta-se especificamente para “fatos e assuntos” estritamente culturais, que entre 1956 e 1958, período de circulação do periódico, ganharam relevância e prestígio nas páginas de *Para Todos*.

A publicação, por óbvio, exigia condições materiais. Acerca da viabilidade econômica do empreendimento, Amado registrou em suas memórias que o jornal era mantido essencialmente pelos esforços da equipe porque “viveu sempre no vermelho” e contava com “raros anúncios de editoras, nenhuma verba oficial, nem sequer o famigerado ouro de Moscou” (Amado, 1992, p. 398). O escritor chamou os salários de “meras abstrações para aqueles que formalmente os deviam receber” e escreveu que “outros não tinham nem mesmo promessa de estipêndio” (Amado, 1992, p. 398). Além disso, sua esposa, a também escritora Zélia Gattai, ajudava “angariando dinheiro”.

A respeito da “convivência entre os intelectuais” e o contexto político e histórico do período em que a publicação circulou, o escritor lembrou:

O *Para Todos* significou tentativa, a única que eu conheço, de estabelecer livre e sadia convivência entre os intelectuais brasileiros, entre os criadores nos campos das letras e das artes. A época ajudava: governo de Juscelino, democrático, desenvolvimentista, a fundação de Brasília e o crescimento industrial, reinavam o otimismo e a confiança entre a população, nunca mais aconteceu (Amado, 1992, p. 398).

A passagem acima resume, de certa maneira, a relevância cultural de *Para Todos*. Seu prestígio não se dava apenas por ter um escritor mundialmente reconhecido à frente do projeto, mas também pela reunião de diferentes nomes do meio artístico. Este conjunto de colaboradores incluía não apenas brasileiros e europeus, mas americanos. O termo, aliás, é usado com frequência para se referir a todos nativos do continente, especialmente os latino-americanos.

Nas 48 edições de *Para Todos* que circularam entre 1956 e 1958, encontrou-se 34 registros relacionados à América Latina e suas manifestações culturais. Neste levantamento, foram excluídas as referências à produção cultural brasileira, uma vez que o periódico foi editado e produzido no Brasil. O recorte tem como objetivo justamente identificar de que forma a integração com os países do continente foi abordada ou incentivada.

Já na primeira edição, o periódico indicou explicitamente sua proposta de promover o que chamou de “intercâmbio cultural”. Em um editorial que lembra o texto de um manifesto, *Para Todos* defende que a cultura brasileira precisa de “um amplo e livre intercâmbio com as culturas de todos os países e povos” (Para Todos, 1956, p.2) e, para a concretização deste intercâmbio, reconhece a existência de “uma série de problemas, que vão desde as limitações à liberdade de criação e divulgação da cultura até a questão da remuneração profissional” (idem). O

primeiro editorial defende três bandeiras, chamadas de “programa de *Para Todos*”: “1º) Desenvolvimento da cultura nacional brasileira; 2º) Intercâmbio cultural, livre e em bases de reciprocidade, com todos os países; 3º) Defesa dos interesses éticos e profissionais dos intelectuais brasileiros.” (*Para Todos*, 1956, p.2)”.

Ao longo das 48 edições percebe-se o resultado dos esforços para o intercâmbio cultural, com a ocorrência de 34 textos relacionados à América Latina. Nestes 34 registros, considerou-se diferentes formas artísticas, não somente a literatura. Portanto, incluiu-se também as artes visuais e o teatro no levantamento quantitativo. Não foram encontrados registros sobre o cinema latino-americano seguindo o critério estabelecido. Nos 34 registros, a literatura predominou, com 24 ocorrências, que incluem crítica, artigo e até mesmo poesia. O número representa 73,5%% do total, ou seja, a maioria dos textos acerca da cultura latino-americana tratou sobre a literatura. Na sequência aparecem artes visuais, com sete registros (20,5%), teatro, com um registro (3%), e educação, também com um registro (3%). A educação foi considerada uma temática cultural uma vez que o texto tratava também da formação de leitores na América Latina.

Entende-se que a escolha dos intelectuais ou artistas latino-americanos presentes nas páginas do periódico estão ligadas às relações intrínsecas aos polissistemas literários, como conceituados pelo crítico e pesquisador israelense Itamar Even-Zohar (1939). Deste modo, o significado de sistema é delineado como “a rede de relações hipotetizada entre uma certa quantidade de atividades chamadas literárias e, conseqüentemente, essas atividades observadas através dessa rede” (Even Zohar, 2013, p. 23).

Como dito, nas 48 edições de *Para Todos* encontrou-se 34 textos relacionados à América Latina. Para localizar indicativos que apontassem à “rede de relações” dentro do sistema e polissistema, identificou-se também os países de origem dos escritores e artistas catalogados. O que se encontrou foi um predomínio do Chile (9), seguido igualmente por Argentina, México e Uruguai (5). Na sequência estão Cuba (3), Paraguai (3), Guatemala (2), Colômbia e Peru (1). A pesquisa de Even-Zohar permite visualizar a literatura traduzida como parte do polissistema da literatura local. Assim, a literatura traduzida (latino-americana) e a literatura nativa (neste caso, a brasileira) integram um mesmo polissistema. Assim, pode-se entender a literatura latino-americana que circulava no Brasil, com ajuda da mediação de *Para Todos*, como parte do sistema literário brasileiro. Tal integração reforça a ideia do “programa” do periódico para promoção do intercâmbio cultural.

A ordenação dos fatores que regem o sistema literário ajuda a entender as relações que influenciaram a rede latino-americana formada em *Para Todos*. Para organizar os fatores internos aos sistemas, Even-Zohar (2013, p. 26) baseou-se na esquematização feita anteriormente por Roman Jakobson (1896-1982), esta última focada no processo comunicacional. Por sua vez, Even-Zohar adaptou o

modelo para demonstrar o funcionamento do sistema literário ressaltando que não há uma “correspondência unívoca” (2013, p.27) entre ambos os esquemas. O sistema literário, conforme esquematizado por Even-Zohar, necessita dos seguintes fatores: instituição, repertório, produtor, consumidor, mercado e produto (2013, p.27). Todos estes fatores se relacionam entre si, não necessariamente de forma linear, em “todos os possíveis eixos do esquema” (Even-Zohar, 2013, p. 30) e sem hierarquia. A ausência de uma hierarquia definida não coloca o texto literário como fator mais importante do sistema, por exemplo.

Neste esquema, o produtor não é restrito ao papel do autor ou escritor, incluindo também grupos de indivíduos. Os produtores são definidos como “comunidades sociais, de pessoas envolvidas na produção, organizada de diferentes formas” e “constituem parte tanto da instituição literária como do mercado literário” (Even-Zohar, 2013, p. 32). Por sua vez, o consumidor é o leitor, porém, não restrito ao leitor do texto literário de forma integral, podendo ser um leitor indireto. No caso de *Para Todos*, o periódico assume papel principalmente de instituição, mas também de produtor. Segundo o pesquisador, a instituição atua para a “manutenção da literatura como atividade sociocultural. É a instituição que rege as normas que prevalecem nesta atividade, sancionando umas e rejeitando outras” (Even-Zohar, 2013, p. 35). Ao elencar escritores e obras sugeridas para leitura após publicação de críticas, *Para Todos* atuava justamente exercendo o poder de sancionar ou rejeitar escritores dentro do polissistema literário composto tanto pelos ficcionistas latino-americanos como dos críticos. As instituições incluem ainda os “críticos (em qualquer formato), casas editoriais, periódicos, clubes” (Even-Zohar, 2013, p. 35).

Portanto, a tomar-se *Para Todos* como uma instituição, entende-se que este jornal também legitimava as movimentações dentro do sistema. Embora o pesquisador afirme que não há hierarquia entre os fatores do sistema literário, compreende-se que a instituição “rege” tanto a produção literária quanto seu consumo, colocando em prática sua autoridade.

Além dos fatores já elencados, há o mercado, ligado ao comércio de produtos literários e consumo. Em *Para Todos*, há uma evidente relação entre instituição e mercado, uma vez que o mercado editorial era, no formato de editora e livrarias, a principal fonte de verba publicitária injetada no periódico em forma de anúncios. Tanto que, ao encerrar sua circulação por inviabilidade econômica, um editorial reconhece o esforço do mercado em apoiar o jornal literário.

Do setor que nos diz respeito, a indústria do livro tem contribuído generosamente, com os recursos de que dispõe, para o nosso empreendimento. Só temos a agradecer a cooperação jamais negada de editores e livreiros, que mostraram compreender a utilidade e o alcance de uma publicação como *Para Todos*. Infelizmente, só esses anúncios não são suficientes. E não podemos, de nossa parte, modificar as normas que presidem à organização da publicidade em geral, mesmo com a alegação dos superiores interesses da cultura (Para Todos, 1958, p.2).

É válido destacar que o funcionamento do mercado é vital para o equilíbrio do sistema literário. Se o mercado é ausente, “não há espaço para que nenhuma das atividades literárias possa se assegurar” (Even-Zohar, 2013, p. 37). Cogitando a probabilidade de existir um mercado, mas um limitado, isto “diminui naturalmente as possibilidades de a literatura evoluir como atividade sócio-cultural” (Even-Zohar, 2013, p. 37). Assim, infere-se que a consequência do “fim” do mercado pode representar até uma falência do sistema literário ou, ao menos, seu enfraquecimento.

Por último, entre os fatores, há o repertório, compreendido como o “conjunto de regras e unidades com as quais se produzem e entendem textos” (Even-Zohar, 2013, p. 38). De acordo com a teoria dos polissistemas, o repertório “designa o conjunto de regras e materiais que regem tanto a confecção como o uso de qualquer produto” (Even-Zohar, 2013, p. 37).

A identificação dos fatores e agentes que compõem um polissistema pode colaborar para identificar as relações e conexões estabelecidas no caso de *Para Todos*, compreendido como uma instituição. Com dito no programa do periódico, um de seus objetivos era promover o intercâmbio cultural. Ao identificar os autores publicados pelo jornal literário, verificou-se a existência de relações pessoais e profissionais de Jorge Amado nesta rede. Estes autores, seguindo o raciocínio de Even-Zohar, atuavam, portanto, como produtores.

Em um texto escrito na década de 1930, após visitar diversos países latino-americanos, como Chile, Peru, Uruguai e Argentina, Jorge Amado escreveu como percebia, entre seus pares dos países vizinhos, um sentimento de unidade, uma ideia de conjunto, que não percebia no Brasil. Nas suas palavras:

É preciso notar que a América Espanhola tem um sentimento de continente e de americanismo que, evidentemente, é muitíssimo maior que o nosso. Alguém já me havia feito notar anteriormente que numa reunião de hispano-americanos só muito depois um vem a saber de que país é o outro. E eu tive por várias vezes ocasião de confirmar essa observação. A princípio eu me sentia totalmente deslocado num grupo de intelectuais latino-americanos porque eles sempre falam dos problemas, das coisas, das soluções, da literatura, da arte, de tudo, em bloco: de referência a toda América Latina. Ora, eu sempre me acostumara a pensar no Brasil sem condicioná-lo à Latino-América (Indo-América, como gostam de dizer na Costa do Pacífico, marcando mais com a característica índia a ligação entre os países da América Latina) e quando retirava a vista do meu país era para pensar na Europa e mesmo na Ásia antes que na América Espanhola. Nos Estados Unidos, isso sim, pensamos muito. Um chileno, por exemplo, pensa no Chile, mas logo pensa em toda a América Latina e passa a resolver tudo, de referência a tudo, em bloco, destinando todas as soluções a toda a América (Amado, 2001, p. 76-77).

Nota-se que mesmo mais de vinte anos antes da publicação de *Para Todos*, Jorge Amado já se preocupava com uma maior integração da América Latina. O romancista viajou pela América Latina e escreveu uma espécie de “diário de viagem”. Os textos foram publicados originalmente no ano seguinte na revista

literária *Dom Casmurro*, comandada pelo gaúcho Álvaro Moreyra, fundador de *Para todos* ao lado de Amado (Sperb, 2014, p. 271). As crônicas de viagem de Amado fazem parte da coletânea *A ronda das Américas*, organizada por Rául Antelo. Nestes textos, Amado registra suas impressões sobre os países e suas paisagens. Entretanto, não deixa de observar a “questão do livro” por onde passa, analisando o sistema de editoras, leitores e escritores. A respeito do sistema literário latino-americano, Jorge Amado escreveu o seguinte após viajar pelos países citados acima, na década de 1930:

Vejamos a situação do livro na América do Sul. Essas notas que rabisco sobre o livro na América do Sul são baseadas em observações feitas por mim nas maiores editoras argentinas e chilenas. Nas editoras Claridad, Imán e Tor, as três maiores da Argentina e na Editorial Ercilla de Santiago do Chile, possivelmente a maior de toda a América do Sul, Peru, Equador, Bolívia, Paraguai, Colômbia e Venezuela quase vivem do livro argentino e chileno, sem falar do espanhol. O Uruguai, país de tanta cultura, tem, no entanto, editoras pequenas. Somente o México para onde me dirijo tem neste particular uma vida autônoma com grandes editoras.

(...) Inicialmente quero fazer notar que os problemas diferem bastante do Brasil para a América Espanhola. O público das editoras hispano-americanas é muito maior e é justo que assim seja porque não se trata do público de um único país, como no Brasil, mas de toda a América do Sul, de toda a América Central e ainda do México, país que devora livros.

(...) Outra coisa digna de nota: os livros de poesia têm uma grande acolhida de parte do público e não são como no Brasil o pesadelo dos editores. Mas os motivos deste fenômeno dão margem a outro artigo, não poderiam ser estendidos aqui. (Amado, 2001, p.88-91)

Percebe-se que Jorge Amado estava atento ao circuito da literatura nos países vizinhos e se preocupava com o que ele chama de “a questão do livro” ou o “problema do livro”. Essa temática também surge em *Para todos*, vinte anos depois, uma demonstração de como Amado também exercia uma função no sistema literário, preocupado com a leitura e com a recepção, no geral, função além do papel único de escritor. A 23ª edição, de abril de 1957, trazia um especial a respeito do assunto. O especial traz chamadas para o conteúdo que tratam de importação de livros, circulação, entrevistas com editores importantes como José Olympio e Jorge Zahar, o livro nacional no exterior, reportagem sobre feiras do livro, notícia sobre congresso de escritores e assim por diante.

Logo, possivelmente uma forma de compreender como a literatura latino-americana é abordada em *Para todos* seja partindo da ideia de que a “questão do livro” intrigava e preocupava Jorge Amado não só no Brasil, mas nos demais países do continente. O mesmo assunto provocava o escritor chileno Pablo Neruda, conforme o mesmo expressou em *Para Todos*. Na 13ª edição do jornal, o escritor James Amado, irmão de Jorge Amado, entrevistou Neruda. O poeta chileno estava no Rio de Janeiro para gravar, pelo selo “Festa, Discos”, suas

poesias declamadas em “long-plays”, o tradicional LP de vinil. Na entrevista, além de falar sobre sua poesia, falou sobre o cenário editorial do Chile: “Com alto custo de produção do livro, os editores chilenos nada publicam que importe em qualquer risco de insucesso” (Neruda apud Amado, 1956, p. 6). Neruda, assim, deu pistas sobre o funcionamento do sistema literário do seu país. Na sequência, o poeta também pregou sobre a necessidade de intercâmbio no continente. Ao ser entrevistado por James Amado, Neruda asseverou:

É necessário romper o isolamento em que vivemos. Veja: *Para Todos*, por exemplo, é lido no Chile por um pequeno grupo que o recebe. Desperta enorme entusiasmo entre os que o vêem, mas não é vendido em bancas. O mesmo se dá com as outras revistas brasileiras, com as obras dos escritores brasileiros. Creio que seria muito útil pôr em prática a sugestão do chileno Benjamin Subercaseaux, no Congresso Continental de Cultura, de criar livrarias em todos os países da América, livrarias que tivessem obras de autores de todos os nossos países americanos. (Neruda apud Amado, 1956, p. 6)

A declaração do poeta reforça a ideia de que uma maior integração entre a América Latina era uma preocupação frequente entre os intelectuais presentes em *Para Todos*, até mesmo com a sugestão de negócios que estimulem o mercado editorial, como livrarias com autores de “todos os nossos países americanos”. Aqui, encontra-se a ideia de fortalecimento e indução do mercado, um dos fatores dos polissistemas literários elencados por Even-Zohar. Como já dito, quando um elemento do polissistema está claramente prejudicado, neste caso o mercado, compromete o funcionamento do conjunto. Percebe-se que tanto Amado quando Neruda tinham o entendimento de que o mercado também era parte fundamental para promoção da desejada integração da literatura latino-americana.

É pertinente ressaltar que Neruda é o nome mais assíduo das páginas de *Para Todos* entre os intelectuais da América Latina, colaborando para a prevalência do Chile entre os países de origem mais presentes no periódico. Não obstante fosse uma figura de relevância mundial reconhecida, era também íntimo de Amado, de quem era amigo. Em suas memórias, Amado se refere a Neruda como seu “compadre”, já que era padrinho de sua filha, Paloma Amado. Nas memórias do brasileiro, há pelo menos quarenta “causos” envolvendo Neruda (Amado, 1992).

A visita do poeta ao Brasil para a gravação de seus poemas reverberou ainda na edição seguinte (14<sup>a</sup>) de *Para Todos*. O visitante recebeu em sua homenagem um coquetel promovido pelo jornal. Ao organizar um evento e selecionar seus convidados, *Para Todos* reforçava seu papel de instituição, conforme definido por Even-Zohar, exercendo seu papel de legitimação, mas também de promoção. O evento do periódico recebeu extensa cobertura com inúmeras fotografias. O texto que registra o acontecimento afirma que a visita de Neruda reforça o projeto de “intercâmbio cultural que nos propusemos a realizar” (Guimarães, 1956, p. 16). A afirmativa reforça a ideia de que os fatores do polissistema literário no qual *Para Todos* estava inserido atuavam para fomentar as relações entre os escritores

da América Latina. O texto declarava ainda: “Trazendo Pablo Neruda ao Brasil, iniciamos uma das formas de atividade cultural inscritas em nosso programa de trabalho e anunciada no editorial de nosso primeiro número” (Guimarães, 1956, p. 16). Cabe destacar que o programa de *Para Todos* anunciava explicitamente o objetivo de intercâmbio cultural. Nesta mesma edição do jornal, que registrou o coquetel para o chileno, há ainda dois poemas de Neruda escritos durante sua estada no Brasil. Os versos foram publicados pelo jornal com exclusividade. Os dois poemas de Neruda impressos naquela edição foram: “Oda a una casa a la noche” e “Oda a la Magnolia”, este último estampado na capa de *Para Todos*. A publicação de poesias no periódico não era incomum, assim como textos abordando o gênero. O próprio Neruda publicou, na 5ª edição, um artigo chamado “Sobre Poesia”. Nele, defende que a poesia não deve ser envolvida em mito, mas “ter o mesmo sentido de sempre, algo que não esteve nunca nem acima nem abaixo do ser humano” (Neruda, 1956, p.1). O chileno também afirma que os escritores devem estar próximos do povo e que existe uma “originalidade americana em matéria de poesia” e coloca essa originalidade e características próprias em oposição aos “conquistadores”, ou seja, os europeus. Tal ponto de vista exprime um conceito intrínseco de América Latina ligada aos seus povos originários em contraste com os europeus colonizadores. Neruda afirma:

Existe uma constante, uma linha de continuidade que afirma esta expressão da poesia americana. E nesse sentido já existe mesmo uma tradição. Não é necessário citar nomes. As influências profundas estão na própria terra, não nos livros. Escrita há tantos séculos, li a antiga poesia dos mayas [sic], seu maravilhoso Popol Vuh. Este livro quase mágico, conta a história do homem, tal como os mayas a imaginavam. Nada conseguiu destruir o Popol Vuh, nem os conquistadores, nem o tempo.” (Neruda, 1956, p.1)

O poeta usa o termo “americano” ao se referir ao continente e defende ainda que um dos traços da poesia americana é que ela “vai buscando a raiz do que somos”. Para o chileno, “cada grande poeta é um capítulo dessa busca”. (Neruda, 1956, p.14). Esta mesma edição (5ª) foi profícua em seu projeto de integração cultural. O cubano Juan Marinello assinou uma resenha na seção “*Para Todos* recomenda a tradução de”. O colaborador também era poeta e foi reitor da Universidade de Havana, em 1962, após a revolução cubana. Marinello havia convivido com Amado no I Congresso Mundial da Paz, em Paris, em 1949 (Amado, 1992, pág. 160). No seu texto, Marinello sugere a publicação em português da obra *Hijo del Salitre*, do também chileno Volodia Teitelboim. Assim como Neruda, Marinello também adota o termo “americano” e não “latino-americano” para se referir aos cidadãos do continente. “O verdadeiro escritor americano está na rua, porque é necessário que ele esteja na rua”, escreveu. (Marinello, 1956, p.3) Assim, ele ecoa também a ideia de Neruda, na mesma edição, da necessidade de escritores próximos do “povo”. “Enquanto leio o livro de Volodia Teitelboim, nas pausas a que me força sua boa densidade, recordo os melhores romances americanos de nosso tempo. Nenhum deles deixa de oferecer-nos um aspecto, ao menos um, de nossa realidade social”, afirma. (Marinello 1956, p.3) O cubano não detalha o

enredo do romance, centralizado no personagem Elias, trabalhador de mina de salitre. Porém, informa que a obra se vale não apenas da ficção, mas da realidade, usando o episódio do Massacre de Iquique<sup>1</sup> como pano de fundo. “As cenas do horrendo massacre valem o livro. Há momento de extraordinária qualidade descritiva, em que o horror e a barbárie enchem as páginas e delas transbordam” (Marinello, 1956, p.15).

Teitelboim também pertencia ao círculo de intelectuais próximos a Amado. Eles organizaram juntos o Congresso Continental Americano de Cultura, em Santiago, em 1953. Além de escritor, Teitelboim era, à época do Congresso, secretário-geral do Partido Comunista. No seu livro de memórias, o brasileiro registrou que ao desembarcar no aeroporto de Santiago para o Congresso, tanto Neruda como Teitelboim, acompanhados do também chileno Ruben Azócar, o aguardavam “arrasados”, usavam “gravatas negras em sinal de luto” (Amado, 1992, pág. 123). Isso porque Stálin, cujos crimes Amado tomaria conhecimento mais tarde, e o amigo Graciliano Ramos haviam falecido.

Como já dito, a 5ª edição foi frutífera no quesito intercâmbio cultural entre os latino-americanos. É neste mesmo número que a única ocorrência envolvendo a Colômbia foi registrada. O poeta Jorge Zalamea, autor de obras como *La poesía ignorada y olvidada* (1956) escreve artigo sobre a educação e leitura na América Latina e na Colômbia, mais especificamente. Na ocasião da publicação em *Para Todos*, ele já havia ocupado o cargo de ministro da Educação na Colômbia (1942). Por este motivo, tece um breve panorama da educação na América Latina, levantando uma questão que soa extremamente atual no Brasil de hoje, que vive sob um governo militar eleito. Zalamea aponta as armas e o Exército como prioridade em detrimento de investimentos na educação. O colombiano afirma:

No período da chamada ‘guerra fria’ — que coincide com a formação e governos ditatoriais e reacionários — a imposição de pacotes militares bilaterais e de outras medidas de ‘defesa continental’ tem levado a exagerar o abandono da educação pública em benefício da carreira armamentista e do aumento dos gastos militares. De maneira que o problema básico da educação primária na América Latina está indissolivelmente ligado ao triunfo da política de paz. Só o esfriamento da tensão internacional permitirá os governos transportar os recursos que hoje se gastam em armas e preparação militar para despesas de educação (Zalamea, 1956, p.15).

Ademais da colaboração vinda do Chile, Cuba e Colômbia, a 5ª edição contou ainda com o poeta uruguaio Américo Abad, autor de *Escrito en la calle* (1959) e *La Tierra Charrúa* (1962). Abad escreveu sobre os teatros independentes do Uruguai, reportando um total de nove grupos organizados. Já se destacava, na época, segundo o texto de Abad, o tradicional Teatro “El Galpón”, que já possuía sede própria e uma revista bimestral. (Abad, 1956, p.13). Todavia, Abad não foi o único uruguaio a figurar nas páginas de *Para Todos*. Em três edições, o também uruguaio Alfredo Gravina foi tópico de resenha, colaborador e também entrevistado.

Na 3ª edição, de junho de 1956, Moacir Werneck de Castro ocupou o espaço da seção fixa “*Para Todos* recomenda a tradução de...”. Neste espaço, Werneck de Castro indicou a tradução do romance *Fronteiras ao Vento*, de Gravina. Para o crítico, o romance demonstra um domínio da técnica literária de consciência dada às personagens. “Este acerto fundamental, a questão do surgimento e formação da consciência, em que nos detivemos, se alia no romance de Gravina a outras qualidades que justificam aconselhá-lo ao público brasileiro” (Castro, 1956, p.3), afirma. Para o crítico brasileiro, outro mérito do livro é fazer com que a literatura aborde os “choques sociais”. Ao recomendar a tradução do romance uruguaio, Werneck de Castro alude ao título, *Fronteiras ao Vento*, para concluir que não há fronteiras que distinguem Uruguai do Brasil ou de outro país com “estrutura agrária obsoleta”. O romance trata de Juan, um peão que trabalha como tosquiador em uma estância do pampa. Chama atenção que o autor da resenha não informa dados biográficos do autor uruguaio, então desconhecido do público brasileiro. Entretanto, há a foto de Gravina, o chamado “boneco”, no jargão jornalístico: uma foto de busto e tronco. Entretanto, a recomendação da tradução do romance uruguaio não foi a única aparição de Gravina no periódico.

Na 7ª edição de *Para Todos*, Gravina voltou a estampar as páginas, porém, como colaborador convidado. Se antes havia sido o autor recomendado para tradução, agora ele ocupava a função de crítico e recomendava o livro de outrem. Gravina indicou o lançamento do também uruguaio Enrique Amorim. Assim como outros latino-americanos, Amorim também era próximo de Amado, que chega a se referir ao amigo como “galã latino” (Amado, 1992, pág. 29) no seu livro de memórias. Em outra passagem, narra um episódio ocorrido em 1948:

Companheiros de velha data em reuniões, conclaves e comícios no Montevidéu, reencontro Enrique Amorim, o romancista uruguaio de *El caballo y su sombra*, no Congresso Mundial de Intelectuais pela Paz, em Wrocław [Polônia]. Convida-me para assistir à projeção de um documentário cinematográfico sobre criação de cavalos na amplidão dos pampas, ou seja, na vastidão de sua fazenda na Banda Oriental: Enrique é latifundiário, o que o impede de ser comunista (Amado, 1992, p. 186).

Sobre o livro de Amorim, Gravina escreveu em *Para Todos*: “O aparecimento de um novo livro de Enrique Amorin [sic], independentemente da apreciação crítica que merece, constitui por si só um acontecimento literário na América Latina” (Gravina, 1956, p.3). Demonstrando conhecimento sobre o conjunto da obra de Amorim, Gravina cita outras obras do uruguaio como *El paisano Aguilar* — “a meu ver uma das melhores novelas escritas no Uruguai” —, *O cavalo e sua sombra* e *La victoria no viene sola*. Gravina finaliza sua crítica afirmando:

Com *Curral aberto*, a novela que acaba de aparecer, Amorin [sic] demonstra que não segue a linha de menor resistência. Há neste livro uma implacável denúncia de nosso regime social, que vai desde a exposição dos males da má educação da juventude até os do latifúndio e suas consequências mais diretas: as povoações miseráveis. (Gravina, 1956, p.3).

Privilegiar indicação de obras literárias com denúncias sociais era algo frequente no periódico. Tal característica indica também que além de um programa de integração da América Latina, os intelectuais que atuavam no polissistema literário, no qual *Para Todos* estava inserido como instituição, compartilhavam da compreensão de que o continente padecia de inúmeros problemas de cunho social e que estes problemas mereciam atenção de obras de literatura.

Cerca de dois anos depois, em 1958, na 45ª edição, o Gravina foi entrevistado durante uma visita ao Rio de Janeiro. Já na capa de *Para Todos*, aparece uma declaração pertinente à ideia de integração da América Latina: “Somos vizinhos e não nos conhecemos”, afirmou Gravina ao entrevistador Dalcídio Jurandir, naquela ocasião. O jornalista brasileiro questiona sobre a literatura uruguaia e a recepção dos autores brasileiros no Uruguai. “Não nos conhecemos. Vivemos tão perto e tão separados. Quase não há fronteiras entre os nossos países e vivemos, você aqui e nós noutro lado, como vizinhos que se desconhecem completamente” (Gravina apud Jurandir, 1958, p.1). O próprio jornal recorda o leitor de que Gravina já apareceu em *Para Todos*:

Os leitores ainda não conhecem a tradução de *Fronteras al viento*, de Alfredo Gravina, já recomendada pelo *Para Todos*, em seu terceiro número, através de um artigo de Moacyr Werneck de Castro. O romance mereceu consagração não apenas em países de fala espanhola como também na Europa onde foi ressaltado o vigor do ficcionista, o realismo tipicamente latino-americano das situações e personagens”. (Jurandir, 1958, p.1)

Na entrevista, Gravina lamenta que não há muitas traduções de livros brasileiros no Uruguai, com poucas opções, que incluem Jorge Amado e Erico Verissimo entre os mais comuns entre os traduzidos no país vizinho. Em resposta, Jurandir conclui seu texto da seguinte forma:

Aqui, da nossa parte, também lamentamos a ausência do livro uruguaio em nosso mercado. Trata-se de um esforço entre dois países, para que haja, de verdade, um intercâmbio cultural, como deve acontecer com todos os países latino-americanos, todos na mesma situação de isolamento e distância” (Jurandir, 1958, pág. 17).

A tripla presença de Gravina no periódico, assumindo os papéis tanto de escritor recomendado, crítico literário e autor entrevistado, aponta para a dinâmica de funcionamento do polissistema literário fomentado por *Para Todos*. Gravina foi amigo de Jorge Amado, que o cita ao menos quatro vezes em situações distintas no seu livro de memórias. Eles se encontravam especialmente em viagens no exterior, antes da fundação de *Para Todos*. Em 1949, os dois conviveram em Paris. O brasileiro e o uruguaio ajudaram Pablo Neruda, que havia chegado à França exilado com um passaporte concedido por outro escritor, o guatemalteco Miguel Ángel Asturias, então embaixador da Guatemala na Argentina (Amado, 1992, p. 259 e 260). Talvez este seja um dos exemplos mais evidentes das relações entre os integrantes do polissistema. Mesmo Asturias, que ajudou a conceder o passaporte a Neruda — “ao atender à necessidade do amigo, punha em jogo o cargo e a carreira.

Não hesitara um minuto quando Pablo, fugitivo do Chile onde havia sido expulso do Senado, lhe colocara o problema” (Amado, 1992, pág. 160) — também apareceu nas páginas do jornal literário brasileiro. Ainda nas suas memórias, Amado recordou que ele e Gravina viajaram juntos de barco entre Alemanha e Suécia (Amado, 1992, p. 160) em 1951. As relações entre o diretor da revista e o uruguaio dão uma ideia da dinâmica do polissistema literário e de que forma ocorria o intercâmbio cultural que culminou nas páginas de *Para Todos*.

Como mencionado acima, Miguel Angel Astúrias também apareceu no periódico. Assim como Neruda, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1971, Astúrias foi premiado anos antes, em 1967. As duas premiações foram posteriores ao tempo de vigência da publicação brasileira. Todavia, a atenção dispensada aos dois autores por *Para Todos* fornece indícios de uma recepção intensa, o apreço do público e o reconhecimento da crítica, relevantes para a conquista posterior do Nobel.

Astúrias esteve no Brasil em 1957 para o lançamento de seu livro *O Senhor Presidente*, visitando tanto São Paulo como Rio de Janeiro. O texto de *Para Todos* informava que Astúrias aprovou a tradução para o português feita por Antonieta Dias de Moraes, caracterizada como “esposa do poeta paraguaio Elvino Romero”. Este último também já havia aparecido em *Para Todos*, reforçando a percepção da dinâmica de funcionamento do polissistema por meio de uma rede de relações pessoais e profissionais. A 11ª edição do periódico publicou uma poesia de autoria de Romero. Mais adiante, na 19ª edição, Romero escreveu o texto “Cantarei Palavras de Esperança” sobre a poetisa chilena Gabriela Mistral. Romero também era amigo de Amado, segundo o brasileiro registrou em suas memórias, onde também recorda da amizade com o compositor paraguaio José Asunción Flores (Amado, 1992, p. 343).

Quanto à visita de Astúrias ao Brasil, o guatemalteco foi entrevistado por *Para Todos*. Astúrias foi questionado sobre o interesse dos europeus na literatura latino-americana, se a atenção que estava sendo recebida naquele momento seria uma moda passageira. O escritor respondeu a indagação da seguinte forma:

Não creio. Há realmente uma enorme vocação de universalidade no homem americano que, lógico, transcende na obra dos seus artistas. Integrado em sua vocação elemental o homem americano é “naturalmente” profundo com simplicidade quase sem o saber. Fruto de uma experiência imemorial, porque firmada sobre a terra, sobre a raça ou oscilando entre dois chamados e tendo de escolher, quando mestiço, este homem americano oferece ao artista consciente e poderoso material da melhor categoria” (Astúrias apud Guimarães, 1957, p. 6)

Para Astúrias, tanto América Latina como os latino-americanos são a matéria da literatura do continente. De certa maneira, portanto, homem e terra que se transformam em objeto de literatura também são diferenciais da ficção do continente. À frente de *Para Todos*, Jorge Amado parecia comungar da mesma visão.

A análise de todas as edições do jornal levou à constatação de que *Para Todos* buscou colocar em prática seu programa de integração entre os países vizinhos, anunciado no seu primeiro número. Nas 48 edições que circularam entre 1956 e 1958, a maioria delas tratou sobre a cultura da América Latina. Foram 34 ocorrências, de diversos campos artísticos, como artes visuais e teatro, com predomínio da literatura. Entre os diversos países de origem dos escritores mencionados ou colaboradores, encontrou-se um predomínio do Chile.

Tomando-se como base a teoria dos polissistemas literários de Itamar Even-Zohar (2012, 2013) e os fatores que regem estes polissistemas, identificou-se que as dinâmicas das relações — principalmente entre produtores (escritores), instituição (*Para Todos*) e mercado (editoras) — podem ter sido determinantes na escolha dos colaboradores do periódico. Tais escolhas, feitas pela redação do jornal sob o comando de Jorge Amado, refletiram tanto suas relações pessoais e profissionais quanto o próprio programa de *Para Todos*, que buscava aproximar os países latino-americanos. Este propósito de integração foi atingido, ao menos no âmbito do jornal e seu círculo de produtores, leitores, colaboradores e anunciantes. Este entrecruzamento de relações, porém, não significa necessariamente um intercâmbio cultural que tenha avançado para além do polissistema, gerando mudanças mais significativas na sociedade, em busca de uma proximidade maior entre os países do continente, incluindo a política e a economia, por exemplo.

O crítico brasileiro Antonio Candido afirmou, em conferência, que “até sua geração”, a “América de fala espanhola e a América de fala portuguesa eram, por assim dizer, culturalmente estranhas em grande parte uma com relação à outra” (2013, p. 29). Infelizmente, exceto iniciativas pontuais acadêmicas e culturais, o que se vê é uma continuidade de tal “estranhamento” entre povos vizinhos. Mas não foram poucas as iniciativas de aproximação, tal como pode ser verificado em *Para Todos*, entre 1956 e 1958, e na década seguinte, pelo próprio Antonio Candido e também pelo uruguaio Ángel Rama. Este trabalhou para “consolidar a visão de que as criações literárias da América Latina podiam ser lidas dentro das balizas de uma história comum” (Aguilar, 2013, p. 34).

Neste sentido, o projeto de integração da América Latina de *Para Todos* pode ser interpretado também como um programa de “consolidação” latino-americana. Entretanto, como dito por Rama, a “América Latina continua sendo um projeto intelectual vanguardista que espera sua realização concreta” (Rama, apud A. Rama, 2013, p. 18).

## NOTAS

<sup>1</sup> Ocorrido em 21 de dezembro de 1907, em Iquique, no Chile. Trabalhadores em greve de minas de salitre e suas famílias foram assassinados pelo Exército chileno. O número de mortos pode ter chegado a 3.600.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, A. 1956. Os teatros independentes do Uruguai. *Para Todos*, n. 5, p. 15.
- AGUIAR, F. 2013. Ángel Rama e Antonio Candido: de um encontro feliz a uma nova realidade crítica na América Latina. In: AGUIAR., F. *Ángel Rama: Um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 33-46.
- AMADO, J. 1956. A poesia é parte da vida de um homem. *Para Todos*, n. 13, p. 6.
- AMADO, J. 1992. *Navegação de Cabotagem*. São Paulo: Círculo do Livro.
- BENETTI, M. 2013. Revista e Jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, F.; SCHWAAB, R. *A revista e o seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, pp. 44-57.
- CANDIDO, A. 2013. Depoimento de Antonio Candido. En: F. Aguiar. *Ángel Rama: Um transculturador do futuro* (p. 29-32) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CASTRO, Moacir Werneck. 1956. Para todos recomenda a tradução de Fronteiras ao Vento, romance uruguaio de Alfredo D. Gravina. *Para todos*, n. 3, p. 3.
- EVEN-ZOHAR, I. 2012. A posição da literatura traduzida no polissistema literário. *Translatio* v. 3, pp. 3-10.
- \_\_\_\_\_. 2013. O “sistema literário”. *Translatio*, v. 5, pp. 22-45.
- \_\_\_\_\_. 2013. Teoria dos polissistemas. *Translatio*, v. 5, pp.1-21.
- GOLIN, C. CARDOSO, E. 2010. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. *Economia da arte e da cultura*. São Paulo: Itáú Cultural, pp.184-202.
- GRAVINA, Alfredo. 1956. Para Todos recomendo a tradução de Cural Aberto, de Enrique Amorin [sic]. *Para Todos* n.7, p.3.
- GUIMARÃES, S. 1956. Poetas brasileiros com Pablo Neruda. *Para Todos* n.º.14, p.16.
- \_\_\_\_\_. 1957. Nosso romance tem os pés na terra americana. *Para Todos* n.º. 37, p. 6.
- JURANDIR, D. 1958. Somos Vizinhos e não nos conhecemos. *Para Todos* n. 45 e 46, pp. 1 e 17.
- MARINELLO, J. 1956. Para Todos recomenda a tradução de Hijo del Salitre: Romance Chileno de Volodia Teitelboim. *Para Todos* n. 5, pp. 3 e15.
- NERUDA, P. 1956. Sobre Poesia. *Para Todos* n. 5, pp. 1 e 14.

- PARA TODOS. 1956. Apresentação. *Para Todos*. 10 a 23 de janeiro de 1956. n.1, p. 2.
- RAMA, A. 2013. Depoimento de Amparo Rama. In: AGUIAR, F. *Ángel Rama: Um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp.11-18.
- SCHWAAB, R. 2013. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo. In: TAVARES, F.; SCHWAAB, R. *A revista e o seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, pp. 58-75.
- SPERB, P. 2014. Jorge Amado jornalista: o percurso do autor na imprensa. In: FRAGA, M. *Jorge Amado. Cacaú: a volta ao mundo em 80 anos*. Salvador: Casa de Palavras, pp. 265-286.
- ZALAMEA, Jorge 1956. A educação na América Latina. *Para Todos* n. 5, p. 15.